

Planalto

Custo eleitoral da inflação faz Bolsonaro demitir ministro de Minas e Energia

— Preocupação com alta de preço de combustíveis e caso de construção de rede de gasodutos com recursos da União, revelado pelo 'Estadão', levam à tentativa de reação

Lauriberto Pompeu
BRASILIA

A alta da inflação, pressionada pelo aumento do preço dos combustíveis, levou à queda do 16.º ministro do governo Jair Bolsonaro no momento em que a maior preocupação do brasileiro é com a economia. O potencial efeito da escalada do custo de vida na corrida pelo Palácio do Planalto virou o maior desafio até o momento para o presidente na busca pela reeleição. Agora ex-titular de Minas e Energia, Bento Albuquerque foi substituído por Adolfo Sachsida, homem de confiança do ministro da Economia, Paulo Guedes.

Pesou também para a dispensa o caso do "Centrãoduto", revelado pelo **Estadão**. Trata-se de articulação no Congresso para destinar R\$ 100 bilhões a uma espécie de fundo para a construção de uma rede de gasodutos em favor do empresário Carlos Suarez, o "S" da empreiteira OAS, e sócios.

A saída de Albuquerque se deu no mesmo dia em que a inflação oficial foi anunciada. Em abril, o índice chegou a 1,06% e, no acumulado de 12 meses, fechou em 12,13%. Pesquisa da Genial/Quaest divulgada ontem mostrou que a economia aflije 50% dos eleitores — 14% disseram outros problemas e 13% citaram a pandemia.

Bolsonaro tentou minimizar os efeitos da alta dos pre-



Bolsonaro em Maringá (PR): presidente participou de motociata com apoiadores durante visita à cidade

ços e não tratou em público da saída de Albuquerque. "Apesar de a inflação estar alta no Brasil, bem como a questão dos combustíveis, na nossa terra os efeitos são menores", disse ele durante visita à 48.ª Expoinjá, em Maringá (PR). "Vocês sabem que, pior que uma ameaça externa, é uma ameaça interna de 'comunização' do nosso país", afirmou a apoiadores.

Na semana passada, o presidente afirmou que o lucro trimestral de R\$ 44,5 bilhões da Petrobras, que reajusta os preços conforme a cotação internacional do petróleo, era "um estupro". Segundo ele, a empresa quebraria o País. Ontem, Sachsida anunciou que pedirá estudos para privatizar a Petrobras.

Os indicadores frearam a re-

cuperação de Bolsonaro nas pesquisas, segundo analistas. Ontem, a Genial/Quaest mostrou que o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) mantém a liderança, com 46% — dois pontos a mais que há um

Ameaça
Presidente Jair Bolsonaro disse ontem que a ameaça maior hoje para o Brasil é a 'comunização'

mês —, enquanto Bolsonaro se mantém com 29%. Na semana passada, pesquisa Ipspe também apontou estagnação. "A economia é atualmente o principal obstáculo para uma recuperação mais significativa do pre-

sidente", disse o cientista político Antonio Lavareda, especialista em marketing político.

Ex-presidente do Banco Central, Arminio Fraga afirmou que a última vez que a inflação preocupou em um ano eleitoral foi em 2002, quando Lula foi eleito pela primeira vez. Ficou em 12,53% ao fim do ano. Para ele, contudo, a situação hoje é delicada. "Em 2002 houve choque de confiança. Havia um receio enorme do que o PT faria no poder. Hoje é diferente, porque a situação fiscal é muito frágil."

CENTRÃO DUTO. Albuquerque era contra a proposta de bancar os gasodutos com recursos do Tesouro. Apesar de resistir ao projeto como havia sido apresentado no Congresso, ele

autorizou as negociações para garantir que a construção dos dutos de gás se tornasse realidade, em condições de mercado. Aproximação do ministro com políticos do Centrão que defendiam o gasto público, porém, provocou desconfianças no Planalto e na equipe econômica de que ele acabaria cedendo ao plano original.

Como mostrou o **Estadão**, a Casa Civil comandada por Giro Nogueira chegou a discutir a edição de uma medida provisória para tornar viável o "Centrãoduto", caso o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), não conseguisse aprovar um júbati — emenda estranha ao projeto original — com essa finalidade. Lira é aliado de Nogueira.

Bolsonaro não gostou de saber pelo jornal que essa operação estava sendo montada por Nogueira com aval de técnicos do ministério de Albuquerque. O presidente é conhecido pelo estilo "quem manda sou eu".

Técnicos de Minas e Energia e da Economia se reuniram na Casa Civil, há duas semanas, para discutir como viabilizar o negócio. Na ocasião, integrantes da equipe econômica se manifestaram novamente contra a operação. O episódio foi a gota d'água para a demissão de Albuquerque, que já vinha sofrendo críticas.

● COLABORARAM ADRIANA FERAZ, BARBARA NASCIMENTO, CICERO COTRIM, GUSTAVO QUEIROZ E RIBENS ANATER

MAIS INFORMAÇÕES SOBRE A TROCA DE MINISTRO E A ALTA DA INFLAÇÃO. PÁGS. B1, B2 E B4

Presidente joga mais um militar pela janela

ANÁLISE

ELIANE CANTANHÊDE

Ao demitir o almirante Bento Albuquerque do Ministério de Minas e Energia, o presidente da República deixa uma dúvida no ar, na terra e no mar: até quando a cúpula das Forças Armadas vai aceitar desaforos e se render aos caprichos

ideológicos e interesses eleitorais do capitão insubordinado Jair Bolsonaro?

O presidente já demitiu os generais Fernando Azevedo e Silva, Edson Pujol, Joaquim Silva e Luna, Carlos Alberto dos Santos Cruz e Otávio Régio Barros, entre outros, enquanto se agarra ao general intendente Eduardo Pazuello, aquele do "um manda, o outro obedece", e manipula escancaradamente o Ministério da Defesa.

De quebra, Bolsonaro também demitiu os comandantes da Marinha, almirante de esquadra Ilques Barbosa, e da Aeronáutica, brigadeiro do ar Antônio Carlos Bermudez.

'Caprichos e interesses'
Até quando a cúpula das Forças vai aceitar desaforos do capitão insubordinado?

Entre generais, almirante e brigadeiros demitidos, estamos falando da elite militar, os mais respeitados, mais preparados. É o caso de Bento Albuquerque.

O consolo é que foram joga-

dos pela janela, por terra ou ao mar não por seus defeitos, mas por suas qualidades, por estarem do lado certo da história, contra atos golpistas, conspirações, interferência dos filhos na gestão pública, ingerência política na Petrobras e, agora, também pela recusa de endossar o mais novo júbati eleitoral.

'REI DO GÁS'. Vamos a esse júbati, descoberto pelo repórter André Borges, do nosso **Estadão**: a articulação do Centrão, com o aval do Palácio do Planalto, para despejar a bagatela de R\$ 100 bilhões (R\$ 100 bi!) de verbas públicas num projeto de construção de gasodutos do

"rei do gás", o empresário Carlos Suarez, o "S" da empreiteira OAS.

Depois do petrolão do PT, chegamos ao "Centrãoduto" da era Bolsonaro. O almirante Bento Albuquerque está fora, assim como os generais da Defesa deveriam pular rapidamente do barco de ataques ao Tribunal Superior Eleitoral, às urnas eletrônicas e às eleições, acabando com as marolas e a espuma sobre golpes. A história está de olho, os Estados Unidos e as democracias mundo afora, também. ●

COLUNISTA DO 'ESTADÃO' E COMENTARISTA DA RÁDIO ELDOBRADO, DA RÁDIO JORNAL (PE) DO TELEJORNAL GLOBONWS EM PAUTA

Ministro defende privatizar Petrobras

— Em seu ‘primeiro ato’ no comando de Minas e Energia no lugar do demitido Bento Albuquerque, o economista Adolfo Sachsida pede estudos sobre a venda da estatal

ADRIANA FERNANDES
MARLLA SABINO
BRASÍLIA

No primeiro pronunciamento como ministro de Minas e Energia, Adolfo Sachsida afirmou ontem que solicitou estudos sobre uma possível privatização da Petrobras e da Pré-Sal Petróleo (PPSA), responsável pelos contratos da União no pré-sal. “Como parte do meu primeiro ato (*como ministro*), solicito também o início dos estudos tendentes à proposição das alterações legislativas necessárias à desestatização da Petrobras”, disse à imprensa.

A opção do presidente Jair Bolsonaro pelo economista destoa da praxe de ter no cargo um político ou um técnico do setor. Economista, Sachsida sucede a Bento Albuquerque, demitido por suposta falta de controle sobre a Petrobras, em meio a pressão nos preços dos combustíveis – que preocupa Bolsonaro em campanha à reeleição.

Sem citar os preços dos combustíveis, Sachsida comentou que “medidas pontuais têm pouco ou nenhum impacto, e por vezes têm impacto oposto ao desejado”. Como mostrou o **Estadão**, a pressão por um subsídio ao diesel foi renovada com o aumento desta semana. O reajuste não cobriu a defasagem de preços, e se espera também uma subida da gasolina.

A demissão de Albuquerque chegou após a alta no diesel, poucos dias depois de transmissão ao vivo de Bolsonaro nas redes sociais apelando ao presidente da Petrobras, José Mauro Ferreira Coelho, e ao então ministro para não deixarem subir os preços porque a empresa tinha “gula enorme” e gordura.

Em nota, o ex-ministro disse que sua saída tinha “caráter pessoal” e foi tomada de forma consensual. Aliados, porém, contam que ele tentou reverter a situação, mas não teve apoio do ministro da Casa Civil, Ciro Nogueira, e de outros caciques do Centrão. ●

SACHSIDA QUER MUDAR MODELO DE LEILÃO DO PRÉ-SAL. PÁG. 82





Adriana Fernandes adriana.fernandes@estadao.com

Demissão em dia de IPCA a 12%

O presidente Jair Bolsonaro rifou o seu “ministro-almirante” de Minas e Energia, Bento Albuquerque, na noite da véspera do anúncio pelo IBGE da inflação fechada de abril. O IPCA fechou o mês com alta de 1,06%, e taxa acumulada em 12 meses atingindo 12,13%.

Não é mera coincidência.

A fotografia atual mostra também Bolsonaro parando de crescer nas pesquisas e o seu adversário nas eleições, Lula da Silva, mantendo a vantagem. Os bolsonaristas estavam animados com a recente diminuição da distância entre o presidente e Lula, mas esse

avanço não prosperou como esperavam.

A crise de energia, com a alta dos preços de combustíveis e das tarifas de energia elétrica, ameaça os planos da reeleição.

O presidente fez a demissão e surpreendeu meio mundo, inclusive aliados, com a publicação no *Diário Oficial da União* na manhã de ontem. Sinal de que, desta vez, ao contrário das duas escolhas para o comando da Petrobras, ouviu poucas pessoas e acabou descartando mais um ministro do grupo dos militares.

A manobra foi conduzida num momento de ameaças renovadas de greve dos caminhoneiros após a alta do diesel. A troca deu um nó na cabeça de quem tenta entender os sinais desse movimento com a escolha de um auxiliar de Paulo

Guedes, Adolfo Sachsida, que “dia sim, dia não” repete o mantra da necessidade de avançar nas políticas de reformas pró-mercado num ambiente de consolidação fiscal.

Alta de preços de combustíveis e de energia ameaça chances de reeleição de Bolsonaro

Guedes, Adolfo Sachsida, que “dia sim, dia não” repete o mantra da necessidade de avançar nas políticas de reformas pró-mercado num ambiente de consolidação fiscal.

Afinal, Sachsida vai rasgar todo esse receituário para intervir nos preços e ajudar a diminuir a inflação?

A resposta pode estar na confiança que o presidente parece depositar nele, que também vinha sendo apontado nos bastidores como um dos nomes que trabalhariam na plataforma de governo para um segundo mandato do presidente.

Sem ser da área de energia, precisará ganhar credibilidade dentro do próprio setor, que está pagando para ver se esse papo todo de pró-mercado é para valer. Sachsida tentará conciliar: com uma perna no discurs-

so do mantra político pró-reforma e outra amparada no chão para atender Bolsonaro e buscar a reeleição. É o que já fez na equipe econômica ao patrocinar medidas de injeção de recursos e crédito que podem impedir um tombo maior da economia neste ano de eleição.

Em entrevista recente ao *Estadão*, o novo ministro disse que o governo daria a resposta para a reeleição dentro de campo. Que ninguém duvide de que ele será um dos maiores aliados para o presidente chegar lá com chances de vitória. ●

REPÓRTER ESPECIAL DE ECONOMIA EM BRASÍLIA

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Política **Caderno:** A e B **Página:** A10 e B1,2 e 4